

Das creches às universidades, os efeitos da pandemia na educação

ZH traz um guia com perguntas e respostas para ajudar pais e alunos a sanar dúvidas diante da suspensão das aulas presenciais

GUILHERME JUSTINO

guilherme.justino@zerohora.com.br

Lado a lado com os trabalhadores, estudantes de todas as idades estão entre os grupos que mais perceberam o impacto da pandemia de coronavírus nas suas rotinas. De um dia para outro, crianças, jovens e adultos se viram obrigados a estudar em frente a celulares, tablets, computadores e notebooks. Da Educação Infantil ao Ensino Superior, é como se, agora, todos fossem alunos do ensino a distância. Para quem já era adepto desse modelo, pouco muda, mas muitos estão conhecendo pela primeira vez, na prática, como funciona o EAD – mesmo estando matriculados na educação presencial.

A mudança é mais significativa para alunos da rede privada, que pagam mensalidades – o que leva a muitos questionamentos sobre a manutenção desses pagamentos –, e bem menos frequente no ensino público. Apesar de o Ministério da Educação (MEC) ter autorizado a substituição de aulas presenciais das instituições federais por aulas no formato de ensino a distância, mantendo a mesma equivalência, algumas universidades, especialmente as federais, se manifestaram contra, alegando, entre outras questões, que nem todos os alunos têm acesso a dispositivos tecnológicos e a internet de qualidade.

Incertezas

Para quem tem essa possibilidade, as adaptações impostas à vida escolar geraram muitas dúvidas de pais, alunos e até de professores e gestores educacionais. Como adaptar um ambiente em casa para as aulas? De que maneira promover as aulas remotas? É preciso pagar o mesmo valor da mensalidade mesmo sem ir à escola ou à faculdade? Posso negociar um desconto?

Para sanar algumas dessas questões que surgem durante a quarentena, ZH ouviu pais, alunos e entrevistou professores, diretores, representantes de creches, escolas e universidades, além de especialistas em direito do consumidor, para preparar este guia sobre a educação em tempos de pandemia.



Para Analice, Lorenzo vai aprender a se organizar



Filho de Rosana, João Enrique valoriza app de contato com professores



Vanessa deixa as manhãs livres para Carolina e Arthur



Sérgio (D) diz que agora Tomás define e executa melhor as tarefas

Famílias têm rotinas adaptadas em casa

Analice Marques Bolzan, mãe de Lorenzo Bolzan Ciulla, 14 anos, aluno do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular de Porto Alegre, cita como desafios ter de se adaptar à nova realidade ao mesmo tempo em que é preciso conviver com notícias “pesadas” e manter o foco para estudar e produzir.

– Mas, como vantagens, posso apontar a familiaridade maior com as técnicas de ensino a distância, a organização que o aluno está tendo que desenvolver – pondera.

Analice revela algumas preocupações sobre o aprendizado em meio à pandemia que impõe o isolamento social. Teme que o filho “perca o ano” – receio constante dos pais –, quer que ele consiga recuperar os conteúdos quando as lições forem retomadas dentro da escola e deseja que tudo isso passe como uma experiência positiva para Lorenzo, na esperança

de que ele tire aprendizados da vivência.

Na mesma situação, está o servidor público Sérgio Simioni em relação ao filho, Tomás de Mesquita Simioni, do 2º ano do Ensino Médio, que completa 17 anos hoje. Em um primeiro momento, a percepção era de que o filho lidava com a situação como se estivesse em férias. Depois, houve a etapa de conscientização:

– Na terceira etapa, a atual, o Tomás passou a definir e executar melhor a rotina, realizando mais tarefas, lendo conteúdos publicados e assistindo às aulas ao vivo ou gravadas. Entendo que as ferramentas apresentadas pela tecnologia da informação oferecem diversas possibilidades de ensino, mas a construção do conhecimento, com toda a riqueza e diversidade humana, é muito mais abrangente no ambiente escolar.

Também aluno do 2º ano do

Ensino Médio, João Enrique Rego Cairuga, 16, diz que está se adaptando à rotina em casa. A mãe, Rosana Cairuga, que trabalha na mesma escola onde o filho estuda, explica que valoriza o empenho dos professores, mesmo que muitos deles nunca antes tenham trabalhado com gravação de vídeos e atendimento escolar remoto.

Flexibilidade

Para João, a comunicação com os docentes, por meio de um aplicativo que inclui espaço para envio de materiais e um fórum de mensagens, tem funcionado:

– Podemos encaixar melhor nas nossas próprias preferências. Por exemplo, com as aulas na quarentena, não sigo tão rigidamente os horários, não acordo tão cedo e durmo um pouco mais tarde.

Já a professora Vanessa Vargas Avila, mãe de Arthur, nove anos,

e Carolina, 14, estudantes do 4º e do 9º do Ensino Fundamental em uma escola particular na Capital, conta que muitas dúvidas surgem, mas as aulas a distância têm dado certo. Ela mesma fez uma pós-graduação a distância na área de educação e orientou os filhos sobre maneiras de aproveitar esse aprendizado em casa.

– São vivências que eu, como estudante, tive e, como professora, aprimorei. Organizo assim: de manhã, podem dormir, brincar, fazer o que quiserem. À tarde, depois do almoço, temos um bom horário de estudos, uma espécie de recreio, e depois mais um período de aulas, que é maior para a Carol. O comprometimento está tendo 100%, um período de grande valia e aperfeiçoamento para todos nós. É muito cansativo para o pai e a mãe, e o desafio maior é a organização disso tudo, mas a gente vai levando bem – descreve.